CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
Ritwik Ghatak: A Reinvenção do Cinema
17 e 20 de dezembro de 2025

GHATAK / 1990

um filme de Heddy Honigmann, Peter Delpeut, Kees Hin, Mark-Paul Meyer

Partes: Rayografie van Ghatak, realização e montagem: Peter Delpeut / Liefdesverklaring/Declaration of Love – realização: Heddy Honigmann / Com: Heyn van der Heyden, Saskia Temmink, Stef Tijdink, Stijn van Santen, Barbara Hin / Sing a Song: realização: Mark-Paul Meyer, montagem: Jan dop, câmara: Stef Tijdink / De Ghatak-toast – realização: Kees Hin, montagem: Barbara Hin / Produção: (Países Baixos), 1990 / Produtor: Jan Ewout Ruiter / Duração: 31 minutos / Cópia: Eye Filmmuseum, em 16mm, falado em holandês e inglês, com algumas partes indianas legendadas em inglês e legendado eletronicamenteem português / Excertos de: **Meghe Dhaka Tara**, **Subarnarekha**, **Jukti Takko ar Gappo**. **Jukti Takko Aar Gappo**.

SCIENTISTS OF TOMORROW / 1967

Realização, Música, Argumento e Texto: Ritwik Ghatak / Voz: Vijay Menon / Fotografia: Amarjit / Montagem: Ramesh Joshi / Produção: Ritwik Ghatak, Films Division (Índia, 1967) / Duração: 10 minutos / Cópia: em digital, versão inglesa, legendada electronicamente em português.

DURBAR GATI PADMA / 1971

Realização, Música, Argumento: Ritwik Ghatak / Produção: Films Division (Índia, 1971) / Duração: 22 minutos / Cópia: em digital, versão inglesa, legendada electronicamente em português.

filmes Ritwik Ghatak
duração total da projeção: 63 minutos

Esta sessão é atípica pois abre com um documentário assinado por um colectivo de cineastas dos países baixos sobre Gathak. Cada um deles realizou uma das quatro partes do filme, recorrendo a fotografias, imagens de filmes e outros arquivos. Trata-se do único filme deste ciclo não assinado pelo grande mestre do cinema indiano. A sessão prossegue com dois títulos raros. **Scientists Of Tomorrow** é um documentário institucional que visa promover o papel do governo indiano na aposta na formação de jovens cientistas, e **Durbar Gati Padma** versa sobre a independência do Bangladesh, um documentário que também seria conhecido nas suas versões inglesas como "**There Flows Padma**" ou "**The Mother River**", numa alusão mais clara ao rio Padma, que terá uma importância determinante na obra do cineasta.

Produzido e apoiado pelo Festival de Cinema de Roterdão que, nos anos oitenta teve um papel decisivo na descoberta e valorização da obra de Ghatak no Ocidente, diz a voz *off* do documentário que abre a sessão: "Quatro cineastas holandeses revelam como cinema de Gathak pode ser importante para nós, Europeus, contemporâneos". No primeiro segmento, realizado por Peter Delpeut, que é o mais interessante, ouvimos a voz de Satyajit Ray, que discorre em inglês sobre imagens indirectas e incompletas dos filmes de Ghatak, que são para muitos as únicas imagens que conhecem desses filmes, ou que durante anos conheceram. Imagens fotográficas e provenientes de cassetes de vídeo. Ray confessa que começaram a filmar ao mesmo tempo. Viu **Nagarik**, que não estreou, numa projecção privada. Sobre **Ajantrik** revela como "foi um tremendo avanço face ao anterior, um filme sobre um taxista e o seu carro (…) ao contrário de mim ele não foi influenciado pelo cinema norte-americano ou pelo cinema continental. Não era como eu um cinéfilo, era mais ligado ao teatro, ao palco. Se houve influência, foi mais do cinema soviético ao nível da montagem. Tinha um imenso

domínio da imagem, dos seus planos, ainda me lembro das composições, planos muito poderosos, monumentais. Também se distinguia de mim pelo uso de dispositivos teatrais, do melodrama, que eu evitava completamente. Mas infelizmente os seus filmes não foram muito mostrados, os exibidores não estavam muito interessados. Fez seis ou sete filmes em trinta anos, todos contém passagens muito interessantes, originais e características como **A Estrela Escondida** e **Subarnarekha**. Estes dois filmes sobressaem dos restantes pois têm momentos muito poderosos. Tinha um tema obsessivo, a partição de Bengala, no tempo da independência. Pertencia ao outro lado e nunca aceitou que o outro lado estivesse agora num país estrangeiro. Foi um tema que retrabalhou constantemente e há quem diga que foi o seu único tema." Essa era aliás a questão mais abordada na crítica ao cinema de Ghatak, na altura em que foi "descoberto" nos Países Baixos nos anos oitenta. Citamos as palavras de Ray quase na íntegra, pois há muito que ouvíamos falar do seu testemunho, ele próprio muito citado – este como os filmes de Ghatak, também é um daqueles raros, Ray discorre como era um alcoólico e como quando filmou no Bangladesh o seu último filme, estava extremamente doente, sem que se desse por isso no filme. "Lembro-me de todos os seus filmes, mesmo daqueles que vi apenas há 25 ou 30 anos, lembro-me de de planos e passagens belamente compostas, e de um olho apurado para a paisagem, para os ditos estados da natureza e para pessoas." O problema deste documentário é o confronto de imagens filmadas actuais filmadas por alguns dos seus realizadores com imagens dos filmes de Ghatak, que anulam as primeiras, como acontece tão claramente no segundo segmento, o de Heddy Honigmann, que é mais uma "Declaração de amor". **Por entre outras declarações, como aquela que começa com um magnífico poema de uma música de Ghatak, engatiza-se** a importância da música no cinema de Ghatak, muito particularmente nos momentos de uma grande sentimentalidade melodramática, em que tudo é levados ao limite, aqui como em no cinema de Rosselino, Ozu ou Oliveira, que a ele são aproximados na montagem por Mark-Paul Meyer.

Scientists of Tomorrow é um filme de encomenda, destinado a encorajar os "jovens cientistas de amanhã" pelo Governo indiano. O "protagonista" é um jovem estudante que sonha com o seu futuro e com o futuro da ciência, que no início é representado por imagens da "conquista do espaço". Estávamos em 1967, pouco antes da chegada do homem à lua. **Durbar Gati Padma**, o terceiro dos filmes, versa sobre a independência do Bangladesh, regressando ao tema de eleição do cineasta. A sessão desenrola-se assim entre uma encomenda institucional e um filme mais pessoal que reflete a importância da ideia de divisão na obra do cineasta. Como escreveu José Manuel Costa no catálogo Cinemas da Índia, "a obra de Ritwik Ghatak foi então toda ela construída sobre o tema da fragmentação – comunitária, familiar e psicológica – transformando-se na própria marca visual da partição do território indiano e bengali, e construindo a partir daí a sua concomitante modernidade." A obra de Ghatak seria marcada acima de tudo por esse amor à terra bengali e pela tragédia que para ele significou a partilha dessa terra entre a União Indiana e o Paquistão a seguir à independência. Esse foi um dos grandes temas dos seus filmes, que espelham os efeitos na partição política de Bengala de 1947 na personalidade de um cineasta oriundo de Daca, hoje capital do Bangladesh, marcado ele próprio por uma disrupção e cisão interior. A modernidade do cinema de Ghathak é de ordem político-social, mas também estética, em que a rutura se estende ao interior dos próprios filmes, sendo a harmonia narrativa frequentemente quebrada por elementos que a contrariam. Centra-se sobre os problemas do cidadão comum, realizando um cinema do presente. Um cinema áspero, duro e contundente, mas ao mesmo tempo denso e possuidor de uma carga emotiva invulgar.

A sua obra em traduz uma visão do mundo tão lírica quanto selvagem. Encontramos estes motivos na sua obra cinematográfica, mas também nos escritos que deixou, entre eles inúmeros artigos sobre teoria e estética do cinema, e no testemunho daqueles que foram seus alunos nos anos em que leccionou no Instituto Indiano de Cinema e Televisão, e que reivindicam a sua influência. Entre eles Mani Kaul e John Abraham. Ghatak tinha uma sólida formação literária, era grande admirador de Rabindranath Tagore e de Eiseinstein, como aliás refere Ray no primeiro filme da sessão. Foi tradutor de Brecht e conhecia a fundo o teatro clássico. Militou na juventude no Partido Comunista e sempre se considerou marxista heterodoxo. Mas a vida e a obra de Ghatak foram uma sucessão de tragédias e de projetos inacabados. Morreu em 1976 com apenas 50 anos e tinha fama de ser irascível e difícil. Da "militância" de **Nagarik** ao "delírio" de **Razão, Discussão e um Conto**, chegamos a **Um Rio Chamado Titas**, o seu penúltimo filme, filmado no Bangladesh, em que prossegue a "reinvenção do cinema", título de um artigo de Jonathan Rosenbaum, que descreve na perfeição a obra de Ghatak.

Joana Ascensão